




## A TRADUÇÃO CULTURAL DE UMA REPORTAGEM ESPORTIVA SOBRE REMO: ESTADOS UNIDOS, FRANÇA E BRASIL

## THE CULTURAL TRANSLATION OF A SPORT REPORT ON ROWING: UNITED STATES, FRANCE AND BRAZIL

Carolina Fernandes da Silva \*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

 <https://orcid.org/0000-0003-0026-1318>  
[carolina.f.s@ufsc.br](mailto:carolina.f.s@ufsc.br)

Janice Zarpellon Mazo\*\*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

 <https://orcid.org/0000-0002-8215-0058>  
[janice.mazo@ufrgs.br](mailto:janice.mazo@ufrgs.br)

**RESUMO:** O presente estudo visa compreender como ocorreu a tradução cultural, para o Brasil, de uma reportagem jornalística sobre o remo nos Estados Unidos publicada na França, no início do século XX. Esta reportagem jornalística relatava como o remo era vivenciado pelos estudantes e sobre a infraestrutura oferecida pela Universidade de Harvard para a prática, relacionados a concepções de aprimoramento das técnicas e progressos no desempenho visando às competições. Nesta direção, percebe-se que o sistema esportivo competitivo do remo no Rio Grande do Sul já possuía elementos que permitiram a tradução cultural deste texto jornalístico e contribuíram para a maior aceitação do conteúdo publicado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte, remo, sistema esportivo, tradução cultural, universidade.

**ABSTRACT:** The present study aims to understand how the cultural translation, for Brazil, of a journalistic report on rowing in the United States published on France, at the beginning of 20<sup>th</sup>

---

\* Doutora em Ciências do Movimento Humano, professora nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

\*\* Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estágio de pós-doutorado em História. Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto / Portugal. Mestrado em Ciência do Movimento Humano. Especialização em Voleibol. Especialização em Currículo.

century, occurred. This journalistic report reported how the rowing was experienced by students and about the infrastructure offered by Harvard University for the practice, related to conceptions of improving techniques and progress in performance aiming at competitions. In this sense, it is clear that the competitive sports systems of rowing in Rio Grande do Sul already had elements that allowed the cultural translation of this journalistic text and contributed to the greater acceptance of the published content.

**KEYWORD:** Sport, rowing, sport systems, cultural translation, university.

## INTRODUÇÃO

A prática esportiva do remo se estabelece no Rio Grande do Sul no fim do século XIX, com a fundação de associações esportivas, porém foi no início do século XX que um sistema esportivo se instaura no estado (SILVA, 2015), bem como em diversos locais do mundo (LICHT, 2013). Conforme Sebastien Darbon (2008), o esporte, concebido no sentido mais amplo da palavra, tem como ponto de partida o processo de globalização, o qual emerge do sistema esportivo na Inglaterra do século XIX e propaga-se para outros países. Este tem na aceleração das comunicações um veículo de disseminação da padronização esportiva, onde o maior rigor institucional unifica encontros e regulamentos (VIGARELLO; HOLT 2012).

De acordo com Burke (2009), as comunicações tiveram um papel importante entre os intercâmbios culturais a partir de traduções, que são as adaptações de ideias e textos conforme passam de uma cultura para outra. No caso da conformação de um sistema esportivo do remo no Brasil, em particular no estado do Rio Grande do Sul, no fim do século XIX e início do XX, a imprensa teve uma importante participação juntamente com os imigrantes europeus (MAZO et al, 2012; SILVA, 2015). Essa afirmação sustenta-se nas 169 reportagens sobre a prática esportiva do remo, encontradas entre os anos de 1852 e 1914, no jornal *A Federação*<sup>1</sup> do Rio Grande do Sul. Dentre as reportagens se destacam três que apresentam a prática em território estrangeiro: a travessia do Canal da Mancha por remadores da Universidade de Oxford (TRAVESSIA DA MANCHA, 12/09/1885); uma sobre o ensino naval no Japão (ESCOLA NAVAL..., 23/07/1906); e,

---

<sup>1</sup> O jornal “A Federação”, teve sua primeira publicação no primeiro dia do mês de janeiro de 1884 e circulou até 1937. Visava divulgar os ideais republicanos por meio de suas reportagens produzidas por um grupo de jovens políticos e intelectuais adeptos da filosofia positivista de Augusto Comte (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005). A Federação foi digitalizada pela Biblioteca Nacional, de onde foram coletadas as informações, utilizando-se os seguintes termos: remo, regatas, natação. Registraram-se as seguintes ocorrências: remo, 1.934 citações; regata, 346 citações; natação 941 citações; clube esportivo 19 citações; *club sportivo* 72 citações. Cada uma destas ocorrências de termos foi analisada separadamente, com resultado no número destacado no texto.

além destas, a que ganha realce por transmitir informações e conhecimentos de um idioma, o francês, para outro, o português, sobre um terceiro país, os Estados Unidos: a reportagem intitulada “Na América do Norte – Os *sports* na Universidade de Harvard” (19/08/1903). Esta foi elaborada a partir da tradução, sem autor identificado, de uma reportagem publicada pelo jornalista Jules Huret (1863-1915) no jornal *Le Figaro*<sup>2</sup> da França (EN AMÉRIQUE, 12/07/1903). Em seu texto está descrita a configuração do sistema esportivo na Universidade de Harvard (Estados Unidos), nos primeiros anos da década de 1900. Os três movimentos tradutores geraram um encontro cultural, onde buscou-se compreender as ações e recepções de cada um dos envolvidos (BURKE, 2009).

A reportagem (EN AMÉRIQUE, 12/07/1903) foi publicada no Rio Grande do Sul em um período no qual o sistema esportivo estava em processo de construção pelos clubes de remo, os quais se espelhavam na cultura de seus fundadores, imigrantes alemães e portugueses (SILVA, 2015). Destaca-se que os contatos entre culturas contribuíram para a legitimação do sistema esportivo que, conforme afirma Holt (2014; 2017), possuía uma forma associativa apropriada por diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil. Para Darbon (2014), tal sistema emerge da Inglaterra no final do século XIX, quando o modelo organizacional do clube privado foi substituído por órgãos nacionais representativos (HOLT, 2017), como as confederações e federações, também apropriadas no Rio Grande do Sul, desde 1894, com a fundação do Comitê de Regatas (SILVA, 2015).

Perante esta contextualização, emerge a questão norteadora do presente estudo: como ocorreu a tradução cultural, para o Brasil, de uma reportagem jornalística sobre o remo nos Estados Unidos publicada na França, no início do século XX. Para este estudo de caso, foi utilizada a reportagem do jornal *A Federação*, com grande circulação no Rio Grande do Sul durante o início do século XX. Cabe destacar que, conforme De Certeau (1982), para a transformação do documento em fonte e a produção de novos objetos, ocorreu a sua relação com o todo e outras reportagens históricas foram utilizadas. A análise documental da citada reportagem ocorreu de acordo com as orientações de Barros (2012). Para este autor são quatro as possíveis posições veladas nas fontes: (1) em relação à época: o início do século XX no Rio Grande do Sul; (2) em relação aos fatos ou ao processo histórico que está sendo especificamente examinado: o cenário esportivo do remo no estado; (3) a ideológica, em relação aos acontecimentos narrados pelo autor da fonte (para o caso de fontes autorais): as percepções de Jules Huret; e (4) em relação ao problema

---

<sup>2</sup> Jornal francês, publicado desde 1826 e reconhecido como a folha da “vida parisiense”. Com espírito satírico, foi um dos impressos mais importantes da Europa durante a década de 1890. No início do século XX, ficou marcado por seu ecletismo de conteúdos e a pluralidade de colaboradores (BERNARD, 2007).

tratado pelo historiador: a tradução cultural, da França para o Brasil, de uma reportagem esportiva sobre o remo nos Estados Unidos. De tal modo, buscando contextualizar o documento coletado, as fontes sofreram as seguintes indagações: “Quem traduz? Com que intenção? O quê? Para quem? De que maneira? Com que consequências?” (BURKE, 2009, p. 17).

O presente estudo contribui para as pesquisas sobre a história da apropriação de um sistema esportivo disseminado globalmente, pois demonstra como os contatos culturais propiciados pela imprensa foram propulsores de estruturas esportivas locais. Além disso, existe uma predominância de estudos que identificam como o remo se instaurou no Rio Grande do Sul a partir de contatos culturais entre imigrantes europeus, alemães, portugueses e italianos (SILVA, 2015), porém não foram verificados estudos sobre relações culturais entre Estados Unidos e França.

Neste estudo, os tópicos a seguir buscam caracterizar: a disseminação da sistematização esportiva do remo universitário; as percepções sobre os esportes na Universidade de Harvard desenvolvidas por Jules Huret; e os meios pelos quais as significações do sistema esportivo do remo na Universidade de Harvard eram apropriadas, ou não, pelos clubes do Rio Grande do Sul.

## **A SISTEMATIZAÇÃO DO REMO UNIVERSITÁRIO**

Apesar do autor da reportagem ter ido aos Estados Unidos para analisar a constituição dos esportes, estas tinham como bases o modelo esportivo clubístico inglês, o qual expandiu-se para alguns países, no entanto, foi apropriado obedecendo a dinâmicas locais (BOTTENBURG, 2016). De acordo com Darbon (2014), o sistema esportivo conquistou o mundo a partir das Ilhas Britânicas. Possivelmente, Jules Huret foi à Harvard verificar especificidades das adaptações desenvolvidas pela Universidade.

Conforme o entendimento de Darbon (2011; p. 2014), o sistema esportivo disseminado globalmente possui cinco critérios interdependentes e recriados ao longo do tempo: o estabelecimento de regras precisas aplicadas universalmente; a criação de instituições que aplicam tais regras; o princípio da igualdade de concorrência; a criação de espaços esportivos específicos, os quais são inovações espetaculares que permitiram que as disputas fossem transformadas em esporte; e o papel do “tempo” e o estabelecimento de durações específicas para diferentes modalidades esportivas. Esta sistematização, relacionada a esportes confederados, estava presente em universidades inglesas a partir do século XVIII.

De acordo com o registro de Licht (2013), quanto ao princípio da prática do remo, o rio Tâmsa é considerado o berço das primeiras remadas competitivas com elementos esportivos. Na Grã-Bretanha, os primeiros clubes de remo foram fundados por esportistas amadores, os quais utilizavam barcos similares aos dos marinheiros licenciados nas travessias do rio Tâmsa, em 1715. Possivelmente, o autor (LICHT, 2013) denomina clube como uma estrutura diferente das institucionalizadas, com estatutos e estruturas físicas, mas como um grupo de homens interessados em competições, uma vez que menciona tais clubes com a mesma nomeação dos barcos, os quais comportavam, na sua maioria, seis remadores.

A primeira competição oficial de remo no rio Tâmsa, reconhecida como regata, foi registrada no ano de 1775, ou seja, 60 anos após os primeiros indícios da prática no mesmo local. Nessa disputa estavam presentes grupos de remadores amadores, assim como jovens acadêmicos (LICHT, 2013). Anos após este evento, esta prática foi apropriada por uma universidade inglesa. A Universidade de Oxford, na Inglaterra, adotou o remo como prática regular (LICHT, 2013), como afirma Burnell (1979) em seu livro *One Hundred and Fifty Years of the Oxford and Cambridge Boat Race*. Esta universidade iniciou a prática do remo pela proximidade do rio Tâmsa, apontado como um ótimo espaço de recreação (BURNELL, 1979).

Entretanto, ressalta-se que a prática do remo ainda não se configurava sistematizada. Burnell (1979) menciona que a primeira manifestação da prática de remo pelos jovens universitários registrada pela Universidade de Oxford é datada de 1815 e, assinala que houve a disseminação das disputas em torno de 1823. Devido à significativa quantidade de barcos já não era mais possível que se deslocassem fora das raias, pois o costume original era de tirar os outros do caminho com choques entre embarcações. Esta circunstância pode ter gerado um primeiro movimento de introdução de regras para a prática do remo, em um processo de burocratização, onde a violência deve ser controlada (ELIAS, 1992).

Durante décadas, as disputas eram internas, ou seja, estavam centradas entre os jovens acadêmicos da mesma universidade inglesa. A primeira competição de remo entre as universidades de Harvard (Estados Unidos) e Oxford (Inglaterra) ocorreu em agosto de 1869 (MATHEW, 1960). A partir disso, indícios sugerem que houve a organização de clubes em vários continentes e países, visando, inclusive disputar competições de remo (LICHT, 2013), ademais, encontram-se singularidades, constituídas por representações culturais, e semelhanças a partir da padronização.

Segundo Hall (2003), é no contexto de diáspora e de tradução cultural que acontecem as trocas culturais, as quais proporcionam aos indivíduos vivenciar a adaptação às matrizes culturais de diferentes culturas, como ocorre com o sistema esportivo inglês, o qual está inserido em diversas culturas, com apropriações diversas, porém com elementos similares. Entretanto, Burke (2003, p. 31) afirma que devemos ver as formas culturais complexas “como resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem antigos elementos”. Nota-se que em alguns países, onde já havia universidades, o remo era mais identificado como uma prática de jovens acadêmicos. Era o caso dos Estados Unidos, onde as grandes adversárias eram as universidades de Harvard e Yale. Essa disputa, ao longo dos anos progrediu em relação a prestígio internacional e chegou a rivalizar com as universidades de Oxford e Cambridge, na Inglaterra, em meados de 1887 (LICHT, 2013).

De forma diferente ocorreu na França, onde se organizou um grande número de sociedades voltadas à preparação física e militar. O modelo esportivo inglês adquiriu uma posição hegemônica neste país somente depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e se manteve até aproximadamente os anos de 1970. A penetração do esporte foi explicada pela intervenção do Estado no sistema esportivo francês e pelo nacionalismo (THOMAS; HAUMONT; LEVEL, 1988). O cenário das práticas do remo como um sistema esportivo com bases científicas era vinculado à prática universitária, diferentemente das práticas ocorridas nos clubes, as quais estavam vinculadas a representações de identidades culturais (SILVA, 2015). Possivelmente, devido às diferenças no contexto das práticas corporais nesses países, a imprensa francesa buscou identificar a perspectiva científica para o sistema esportivo, entre outras representações culturais, em uma universidade da América do Norte.

## **O SISTEMA ESPORTIVO NA UNIVERSIDADE DE HARVARD**

A Universidade de Harvard foi uma das pioneiras na organização entre conhecimento científico e prática esportiva, apesar dessas práticas serem atividades extracurriculares (HARTMAN, 1975). A reportagem publicada no jornal A Federação apresenta como estas práticas eram vivenciadas pelos estudantes e as composições oferecidas pela universidade, bem como os avanços às competições, onde o autor descreve a organização sistemática das atividades e estruturas.

De acordo com Rosa (2010), o período entre o início do século XVII até o final do século XIX foi quando ocorreu uma revolução conceitual e metodológica para o

estabelecimento das bases do conhecimento científico. Os discursos científicos ganharam espaço a partir da perspectiva da doutrina positivista, que acreditava na possibilidade de conhecer a verdade pela ciência.

A linha positivista se guiava pelo método científico, visto como uma forma possível de se chegar à verdade. A doutrina positivista foi disseminada pelo Brasil no fim do século XIX, e no Rio Grande do Sul foi introduzida, assimilada, aceita e praticada em vários aspectos, principalmente na política. Conforme Pezat (2006), a absorção do positivismo pela sociedade sul-rio-grandense, entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX, é um dos traços mais característicos da história e da cultura do estado, inclusive na conjuntura política e no projeto de poder praticado pelo Partido Republicano Rio-grandense no Rio Grande do Sul da Primeira República (PEZAT, 2006), órgão ao qual o jornal *A Federação* era vinculado como registrava a primeira página de cada edição.

Fazia parte do *ethos* positivista um cientificismo, ou seja, “a crença na capacidade da ciência em descobrir as leis que regem os fenômenos sociais e naturais e de fornecer os instrumentos de explicação e de intervenção na realidade” (FERREIRA, 2007, p. 7). Ao se utilizar desta perspectiva para analisar as práticas esportivas, tal crença oferecia concepções de modernidade, visto que, no Brasil, a ciência era “vista como a alavanca do progresso e da civilização, como meio para informar e conformar diagnósticos do atraso brasileiro e construir projetos civilizatórios” (FERREIRA, 2007, p. 7).

No Rio Grande do Sul, as reportagens, tradicionalmente, publicadas tratavam das ações culturais relacionadas aos clubes esportivos, como fundação, fundadores, regatas, resultados, festividades, entre outras. Entretanto, a reportagem do *Le Figaro* demonstra como as práticas esportivas tinham subsídios do pensamento racional relacionado à ciência na Universidade de Harvard, o que, provavelmente, ocasionou curiosidade pela chefia do jornal *A Federação*. Com a expansão da imprensa e da cultura norte-americana, o jornal francês *Le Figaro*, em 1902, enviou o jornalista Jules Huret para os Estados Unidos investigar elementos que compunham tal cultura e descrevesse suas impressões. A interpretação da cultura norte-americana para os franceses feita por Jules Huret foi publicada no ano seguinte em formato de um livro dividido em dois volumes intitulados, respectivamente: *Em Amérique - De New-York à la Nouvelle-Orléans* (HURET, 1904) e *Em Amérique - De San Francisco au Canada* (HURET, 1905). Tal feito foi lembrado pelo jornal recentemente, de acordo com Hauter (22/02/2018, s/p), “Le Figaro, il y a 105 ans, avait envoyé son reporter Jules Huret passer deux ans aux États-Unis. Il en avait ramené des

séries d'articles vivants, passionnants, et deux livres”<sup>3</sup>. Cabe mencionar que para o quesito esporte com perspectiva científica, Jules Huret elegeu a Universidade de Harvard como o espaço de investigação.

Possivelmente, por ter sido a França responsável pela primeira colonização cultural do Brasil, influenciando o comportamento das elites, determinando modelos de vida social e referências intelectuais, como a filosofia, a moda, a gastronomia e a literatura (GLENDA, 2007), acessar informações sobre ao jornal *Le Figaro* era recorrente. Destaca-se a diferença de apenas um mês entre as publicações na França e no Brasil. Todavia, Burke (2003) ressalta que os costumes franceses e as práticas inglesas foram acolhidas no Brasil no século XIX, mas com o advento do século XX, a cultura norte-americana passa a ser, gradualmente, a mais disseminada, o que pode ser verificado na reportagem estudada. Dentre as várias reportagens produzidas por Jules Huret sobre a cultura norte-americana, apenas duas foram reproduzidas no jornal *A Federação*: a primeira sobre os esportes na Universidade de Harvard (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903) e a segunda intitulada “Na América do Norte – A vida dos estudantes: seus clubs” (NA AMÉRICA DO NORTE, 25/08/1903, p. 1). Talvez, a divulgação do texto de Jules Huret estivesse pautada pelo interesse de tornar potentes as representações acerca dos esportes como práticas ligadas ao imaginário do “ser moderno”, a partir de uma tradução da cultura científica estrangeira.

Jules Huret inicia a narrativa comparando a pedagogia escolar da Europa e dos Estados Unidos, porém afirma não ser este o objetivo de sua visita à universidade, “visto como penso que a Europa nada tem a aprender com os pedagogos d’este país [Estados Unidos]” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Supõe-se que tal afirmação esteja relacionada com a organização de uma pedagogia corporal por meio da constituição do nacionalista método ginástico francês<sup>4</sup>. Vigarello (2003; 2012a) afirma que os princípios de desmembramento deste método guiavam e orquestravam uma pedagogia, a qual prevalecia nas escolas francesas: movimentos precisos e controlados.

Na frase de Jules Huret também são encontrados indícios da intenção de sua viagem a América do Norte: aprender. Assim justifica a sua visita a Universidade de Harvard “os sports attrahiram-me de preferência, pois diz-se a miudo que na America do

---

<sup>3</sup> Em uma tradução dos autores: *Le Figaro*, há 105 anos, enviou seu repórter Jules Huret para passar dois anos nos Estados Unidos. Ele trouxe uma série de artigos animados e fascinantes e dois livros.

<sup>4</sup> Esse formato de exercícios se disseminou por diversas partes do mundo, inclusive, anos mais tarde, se tornou obrigatório no Brasil, através do Decreto-Lei nº. 14.784, de 12 de abril de 1921 (BRASIL, 25/07/2018).



Norte eles tomaram o lugar dos estudos intellectuaes” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Possivelmente, essa suspeita o fez questionar como isso ocorreria em uma das universidades mais distinguidas do mundo. Porém, refuta tal suspeita ao afirmar que em suas observações, percebeu que os alunos passam com diversos livros, associando o desenvolvimento intelectual com a leitura e acreditava que “se é levado a pensar que o seu cérebro é, do mesmo modo, sólido e desenvolvido” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Quanto à dicotomia entre atividades intelectuais e corporais, Jules Huret demonstra estar ciente da rivalidade entre as universidades de Harvard e Yale, tanto nos esportes quanto na qualidade de ensino, ressaltando que a Universidade de Harvard gabava-se de ser superior nessa “dupla cultura; e põe, para bater a sua rival de Yale, no terreno sportivo, um zelo muitas vezes infeliz, mas ardente e tenaz, ultrapassando Yale nas luctas do espírito” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Neste fragmento percebem-se indícios da concepção dualista de corpo advinda do pensamento de René Descartes, a qual atravessava profundamente a modernidade da época. Afirmava que o ser humano era constituído por uma “coisa extensa”, o corpo, e uma “coisa pensante” (em latim, respectivamente, *res extensa* e *res cogitan*) (GALLO; ZEPPINI, 2016), ainda permanente, mas em processo de modificação.

Contudo, segundo Vigarello e Holt (2012, p. 420), em meados do século XIX, o conceito central de olhar para o corpo “era o de equilíbrio entre os diferentes elementos da anatomia e do eu interior, entre corpo e espírito”. Nesta perspectiva, na ocasião da reportagem de Jules Huret, estudos científicos sobre a ligação entre práticas corporais e aprendizagem estavam em desenvolvimento, como o de George e Meylan (1904a, p. 543), que apresentou uma perspectiva relacional entre o desenvolvimento físico de crianças e sua capacidade intelectual para analisar os remadores da Universidade de Harvard<sup>5</sup>. Tal discurso motivava a manutenção das práticas no interior das referidas universidades norte-americanas, onde o esporte configurava-se como a possibilidade de alcançar “uma vitalidade ‘suprema’ [...] para transformar ‘a fraqueza em força’: resistir melhor às vicissitudes da vida” (VIGARELLO; HOLT, 2012, p. 213).

Desta maneira, a competição entre universidades encontrava-se na esfera do conhecimento dos alunos e, além disso, o contexto de disputa permitiu que os esportes, que tem como característica principal superar os adversários fosse incorporado no *habitus*

---

<sup>5</sup> Destaca-se que o presente estudo não visa analisar a validade da pesquisa, mas identificar um imaginário sobre concepções de corpo.

da comunidade universitária. Este imaginário de busca pelo melhor desempenho estava presente também entre os pais dos estudantes e se manifestava explicitamente nas partidas de futebol que aconteciam entre as universidades de Harvard e Yale (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Conforme Jules Huret, este era “um estado de espírito generalizado em certa classe de indivíduos habituados a triunfar, e que põem o seu orgulho em nunca serem vencidos, mesmo no *football*” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). A competição com a Universidade de Yale veio à tona na conversação do jornalista com o guia designado para mostrar os espaços esportivos da Universidade de Harvard. Para justificar as frequentes derrotas para a concorrente no futebol, o guia afirma: “Em Yale, sacrifica-se tudo a isso [vencer], não exceptuando a inteligência” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1).

Tais indícios apontam que a Universidade de Harvard constituiu o formato do sistema esportivo advindo da Inglaterra como um caminho para atrair mais estudantes e novos investimentos. Foi dito para Jules Huret, que a universidade buscava meios para “educar a agilidade, os músculos e os pulmões dos alunos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1) e, para tanto, oferecia vários esportes: “o *tennis*, o *hockey*, o *football*, o *baseball*, a *gymnastica* propriamente dita” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Entretanto, isso era para um público que se constituía como a elite social, a qual defendia um corpo que se qualificaria de atlético segundo normas neoclássicas, feitas de um equilíbrio entre o tamanho, o peso, o desenvolvimento muscular e a mobilidade (VIGARELLO; HOLT, 2012).

## **A TRADUÇÃO DA SISTEMATIZAÇÃO DO REMO DOS ESTADOS UNIDOS PARA A FRANÇA E O BRASIL**

A Universidade de Harvard foi uma das primeiras a adotar o remo como prática esportiva entre os estudantes. De acordo com Hartman (1975), o remo começou a fazer parte do contexto universitário como atividade extracurricular, a partir de uma iniciativa dos próprios estudantes, quando fundaram o *The Boat Club*, em 1844, voltado para *Athletics Intercollegiate Competition* (HARTMAN, 1975, s/p). Este clube deu origem à organização de outras práticas esportivas na universidade.

A tradição da Universidade de Harvard no esporte fez com que, em 1904, ano seguinte da publicação de Jules Huret, fossem publicados dois textos intitulados: *Harvard University Oarsmen I e II* (GEORGES; MEYLAN, 1904a; 1904b). O primeiro texto inicia a narrativa com a seguinte frase: “the tremendous development of athletics in colleges and

universities during the last few years has given rise to inquiries concerning the effects of all this exercises and competition on the health of the athletes”<sup>6</sup> (GEORGES; MEYLAN, 1904a, p. 362). A partir de então, o texto versa sobre como o remo contribuía para a saúde dos atletas, citando o depoimento de ex-estudantes da universidade que praticavam remo em meados do século XIX, os quais estavam com idade entre 60 e 70 anos no momento da entrevista: “I have attempted to gather accurate data concerning all the members of Harvard University crews from the first race in 1852 to 1892 inclusive”<sup>7</sup> (GEORGES; MEYLAN, 1904a, p. 364). Um dado importante citado pelo autor foi uma das razões que o fizera escolher os remadores como sujeitos do estudo: “because rowing was the first intercollegiate sport organized, it runs back nearly a quarter of a century earlier than football and track athletics”<sup>8</sup> (GEORGES; MEYLAN, 1904, p. 364), a qual demonstra que este esporte foi pioneiro na legitimação de um sistema esportivo (DARBON, 2014), que pode ter estimulado Jules Huret a conhecer os esportes da Universidade de Harvard.

Na narrativa de Jules Huret, quando ele se direcionou para conhecer a garagem dos barcos de remo, se admirou com o corredor onde os barcos estavam instalados: “contei 60 botes de corrida descaçados nos suportes. Têm 15 a 20 metros de comprimento e são esguios e afilados como agulhas” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). No texto, quando o formato dos barcos é destacado, é possível encontrar indícios de especialização e racionalização na construção dos mesmos, elementos explorados pelo sistema esportivo do remo na instituição universitária. No período vivido e narrado pelo repórter, os barcos eram projetados especificamente para a prática do remo de competição e, por isso, mais leves e frágeis, de modo a serem mais rápidos, porém também mais fáceis de afundar e danificar (SILVA, 2015).

Tais características também estavam presentes nos barcos dos clubes de remo do Rio Grande do Sul, que, em sua maioria, os importavam da Europa, desde o fim do século XIX. Tendo essa ideia sido enfaticamente reforçada e defendida em 1905, conforme a seguinte publicação no jornal A Federação (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905). Nessa reportagem, alega-se que um bom método de ensino da educação do físico era necessário, assim como os materiais e, deste modo, a “importação de instrumentos aperfeiçoados deve

---

<sup>6</sup> Em uma tradução dos autores: O tremendo desenvolvimento do atletismo em faculdades e universidades nos últimos anos deu origem a indagações sobre os efeitos de todos esses exercícios e competição sobre a saúde dos atletas.

<sup>7</sup> Em uma tradução dos autores: Eu tentei reunir dados precisos sobre todos os membros das equipes da Universidade de Harvard da primeira corrida em 1852 a 1892.

<sup>8</sup> Em uma tradução dos autores: porque o remo foi o primeiro esporte intercollegial organizado, ele corre quase um quarto de século antes do futebol e acompanha o atletismo.

ser solidamente facilitado, creado e amparado pelos poderes públicos” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1). Primeiramente, os barcos eram encomendados da Alemanha (LICHT, 2013), ou construídos pelos próprios atletas dos clubes a partir dos moldes dos alemães (SILVA, 2015). Da França, apenas anos mais tarde, em 1919, um clube sul-riograndense encomendou seus primeiros barcos de Paris, confeccionados por Tellers Fils (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919), demonstrando que a tradição francesa do esporte não era difundida no estado no início do século XX.

Em Harvard, além dos barcos, já existia um instrumento de treinamento semelhante ao que atualmente é chamado de tanque, “em um açude sempre cheio, está installada uma espécie de barcaça muito chata, provida de bancos idênticos nos movimentos aos dos botes de regata” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). A admiração de Jules Huret quanto ao instrumento de aprendizagem mostra sua pouca familiaridade com o remo, pois em 1888, na Itália, país vizinho da França, diversos clubes possuíam tanques cobertos (LICHT, 2013). O tanque é um aparelho instalado em um local com uma estrutura de piscina, no qual os remadores estreantes têm suas primeiras experiências, onde aprendem as técnicas de remada, se familiarizam com os barcos e seu funcionamento.

A forma como os remadores avançam em rendimento está vinculado ao desenvolvimento de técnicas corporais, que de acordo com Mauss (2003), são as maneiras pelas quais os indivíduos, de sociedade em sociedade, sabem servir-se de seu corpo: “toda a técnica propriamente dita tem a sua forma” (MAUSS, 2003, p. 403). Conforme Mauss (2003), as técnicas corporais de cada sociedade estão relacionadas com o seu *habitus*. Como demonstra o fragmento seguinte, as palavras do jornalista descrevem uma estratégia de ensinamento semelhante da atual no tanque: “durante os exercícios, o professor passeia ao longo do açude, vigiando, observando, rectificando as posições defeituosas e os golpes de remo mal dirigidos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Este cenário descrito pelo repórter demonstra que a especialização da técnica da remada torna-se “objeto de reflexão, na busca de adquirir uma ciência com regras fixas e código particular” (VIGARELLO, 2012b, p. 207). Assim, uma suposição sobre a causa do estranhamento das técnicas americanas, pelo jornalista francês, consiste nas diferentes maneiras culturais de realizar os movimentos do remo esportivo.

Naquele período também já existia um espaço que é possível comparar com as academias de fortalecimento muscular e aperfeiçoamento da técnica dos clubes de remo atuais, com aparelhos para a prática da remada em ambiente seco: “N’um pavimento

superior, trinta assentos idênticos estão fixados ao nível do assoalho; e curtos madeiros ligados a aparelhos hydraulicos figuram os remos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Tal cenário vai ao encontro da afirmação do autor Vigarello (2012), o qual afirma que no início do século XX, ocorre um fascínio técnico, “‘treinar’, ou seja, praticar esses exercícios seria mais que nunca, entrar na modernidade” (p. 207), como na parte a seguir: “n’esse jogo, o aprendiz limita-se ao gesto e ao impulso dos remos, porque os aparelhos hydraulicos estão regulados de modo a dar-lhes resistência e a substituir a ausência da água” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). O tempo dispensado para o treinamento ia para além dos exercícios náuticos e era possível diante de qualquer clima, com neve e chuvas fortes. Os aparelhos também mostram que o refinamento da técnica era uma busca dos treinadores e esportistas, bem como o grande espelho colocado estrategicamente no fundo desta sala, que permitia “aos remadores vê e rectificar os proprios movimentos” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Esta descrição detalhada pode ter inspirado os dirigentes dos clubes náuticos do Rio Grande do Sul, pois indícios da instalação de academias para os remadores sul-rio-grandenses foram encontrados a partir de 1907, no Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré (SILVA, 2015).

Na reportagem, de acordo com o treinador dos remadores também havia instrumentos para auxiliar na sua supervisão do treinamento, como um escaler movido por eletricidade (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Os aparatos disponíveis tinham como principal objetivo contribuir para preparar o corpo dos remadores à busca da *performance* esportiva. Conforme Vigarello (2012a, p. 209), neste período, existia no sistema esportivo a “submissão às regras máximas de eficácia biomecânica em primeiro lugar, segundo um cálculo sofisticado de vetores, de forças, de durações, mas também atenção sempre mais viva aos erros e aos imprevistos em seguida, aqueles que a prática lúdica não pode evitar totalmente”. O treinamento dos esportistas, principalmente do remo e do futebol, era rigoroso e já possuía a configuração de periodização, que ia da rotina universitária de treinamentos até a vida pessoal. Existia a orientação para que os atletas, durante três meses, tivessem uma rígida organização dos hábitos, que equivalia “para os aprendizes a uma quaresma, durante a qual eles são vigiados e cuidados como parceiros antes das corridas” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). A preparação neste período era similar aos padrões dos esportistas profissionais dos dias atuais, a despeito do amadorismo se constituir um dos valores esportivos neste período.

A preparação incluía: a dieta, “Não podem fumar, comer assucar, beber álcool, qualquer que seja a fórmula por que se apresente; apenas aos sabbados se lhes permite tomar

um copo de cerveja” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1); e descanso físico e recuperação muscular. “Nada de teatro. Os alumnos são obrigados a deitar-se às 10 horas da noite e a levantar-se cedo para os exercícios” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Nesta perspectiva de cuidar de si, a qual transfere para os atletas uma responsabilidade pelo seu desempenho e sua saúde, o discurso médico está envolvido. De acordo com Mendes e Gleyse (2014), com uma postura normativa, os médicos almejavam regular as relações físicas e morais dos indivíduos e da sociedade, numa racionalização instrumental do corpo. Todavia, embora estas regras valessem para jogadores de futebol e remadores, Jules Huret afirma que, seguindo estatísticas americanas, estes últimos eram os que perdiam mais peso. Cita, como exemplo, a disputa anual contra a Universidade de Yale, quando os competidores perdiam cerca de nove libras, o que convertido para quilogramas equivale a, aproximadamente, cinco quilogramas (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903). Diferentemente das práticas realizadas entre os clubes sul-rio-grandenses de remo, no início do século XX, os quais eram espaços de socialização para associados e remadores, que frequentavam eventos como *pic-nics*, festas, jantares e bailes com suas famílias e onde também eram arranjados casamentos (SILVA, 2015).

Ainda com relação ao controle sobre os atletas, outra parte da narrativa expõe a rigidez da disciplina na universidade. De acordo com as informações advindas do guia que conduziu Jules Huret, nenhum membro da equipe jamais faltou a alguma regra que se via obrigado e a vigilância era ferrenha, “si, por casualidade impossível, um d’elles fosse encontrado com uma mulher ou ébrio, tal somma de desprezo e ignomínia o cobriria, que seria levado a deixar imediatamente a Universidade” (NA AMERICA DO NORTE, 19/08/1903, p. 1). Diante disso, percebe-se que “o corpo seria educado de acordo com um código analítico de progressão, músculo após músculo, parte após parte” (VIGARELLO, 2012, p. 199), inclusive como um caminho para a educação moral, vinculada à prática dos esportes universitários. Tal instrumentalização da prática esportiva foi encontrada em uma reportagem publicada dois anos após, na qual o autor afirma que nos clubes esportivos “que hoje se prepara, se elabora o character, a grandeza dessa mocidade que amanhã será o nosso nome, a garantia do nosso futuro, a honra da nossa pátria” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 25/02/1905, p. 1). Para Martínkova e Parry (2012), existem objetivos externos ao esporte e é importante levá-los em consideração, uma vez que estes influenciam consideravelmente a sua prática. Isso acontece quando o esporte é usado instrumentalmente, isto é, como meio para atingir objetivos externos a ele, tais como fama, riqueza, a socialização, a perfeição moral, dentre outros.

A reportagem analisada no presente estudo teve continuação, seis dias depois da publicação da tradução desta, outro texto de Jules Huret sobre a Universidade de Harvard, intitulado “Na América do Norte – A vida dos estudantes: seus clubs”, foi publicado (NA AMÉRICA DO NORTE, 25/08/1903, p. 1). Os clubes citados eram associações para práticas diversas, inclusive esportivas, porém o olhar do jornalista para os esportes concentrou-se apenas no primeiro texto.

Por fim, pondera-se que existia uma tendência à aceitação do que era estrangeiro pelo jornal A Federação ao traduzir a reportagem de Jules Huret, a qual é uma das reações possíveis derivadas dos encontros culturais, segundo Burke (2003). Diante disso, a reportagem reproduzida pelo jornal instaura um encontro entre culturas esportivas, a estadunidense, a francesa e a brasileira, e proporciona que o sistema esportivo seja incorporado como *habitus* de modernidade e progresso vinculado ao imaginário que relaciona universidade e conhecimento científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender como ocorreu a tradução cultural, para o Brasil, de uma reportagem jornalística sobre o remo nos Estados Unidos publicada na França, no início do século XX. Os indícios indicam que, no cenário esportivo sul-rio-grandense, uma tradução cultural de um texto jornalístico publicada pela imprensa local contribuiu para a apropriação de práticas culturais advindas de outros países, bem como para a consolidação de um sistema esportivo no remo sul-rio-grandense. Entretanto, a aceitação da cultura estrangeira ocorreu por já existirem elementos culturais que oportunizaram a compreensão do referido texto, como a inserção de comunidades europeias no Rio Grande do Sul; uma relação do estado com a cultura francesa; a difusão das perspectivas do positivismo em diversas áreas, inclusive a concepção de ciência; a prática competitiva do remo entre clubes; barcos racionalizados para o melhor desempenho; aparatos de treinamento; treinamentos baseados em técnicas; uma confederação esportiva e um imaginário em torno da modernidade. As traduções culturais foram uma das formas de disseminação do sistema esportivo, de maneira a oportunizar que, em diferentes países, práticas esportivas mantivessem elementos semelhantes, oportunizando comunicação entre culturas, como ocorreu no cenário do remo no Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, J. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n. 12, mai-ago/2012, p. 130-159.

BERNARD, Alice. Le Figaro, Vingtième Siècle. Revue d'histoire, n. 93, jan-mar/2007, p. 202-204.

BOTTENBURG, Maarten van. Além Da Difusão: O Esporte E Sua Reconstrução Em Contextos Transculturais. **Record**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016, p. 1-18.

BRASIL. Decreto n. 14.784, de 27 de abril de 1921. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-14784-27-abril-1921-511224-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 06/09/2018.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**, São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003, p. 116.

BURKE, Peter. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 290.

BURNELL, Richard. **One Hundred and Fifty Years of the Oxford and Cambridge Boat Race**. Precision Press, Marlow, 1979, p. 111.

DARBON, Sébastien. **Diffusion des sports et impérialisme anglo-saxon. De l'histoire événementielle à l'anthropologie**, Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2008, p. 369.

DARBON, Sébastien. Introduction. La diffusion des sports: confrontation disciplinaires et enjeux méthodologiques. **Ethnologie française**, v. 41, 2011, p. 581-592.

DARBON, Sébastien. **Les fondements du système sportif: Essai d'anthropologie historique**. Paris: L'Harmattan, 2014, p. 240.

EDUCAÇÃO PHYSICA, A Federação, Porto Alegre, 25/02/1905, p. 1.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNINNG, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 187-221.

EN AMÉRIQUE, Le Figaro, Paris, 12/07/1903, s/p.



ESCOLA NAVAL..., A Federação, Porto Alegre, 23/07/1906, p. 2.

FERREIRA, Luiz Otávio. O ethos positivista e a institucionalização da ciência no Brasil no início do século XX. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 4, Ano IV, n. 3, 2007, p. 1-10.

GALLO, Silvio ; ZEPPINI, Paola Sanfelice. 'O que pode um corpo?': perspectivas filosóficas para a corporeidade. In: Wagner Wey Moreira; Vilma Lení Nista-Piccolo. (Org.). **Educação Física e Esporte no Século XXI**. 1ed. Campinas: Papyrus, 2016, v. , p. 107-131

GLENDA, Peter Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. **Arquitextos**, ano 08, ago, 2007, s/p.

GEORGE, L.; MEYLAN, M. D. Harvard University Oarsmen II. **American Physical Review**, v. 9, n. 2, 1904a, p. 115-124.

GEORGE, L.; MEYLAN, M. D. Harvard University Oarsmen I. **American Physical Review**, v. 9, n. 1, 1904b, p. 1-15.

HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 1-223.

HAUTER, François. L'aube d'un autre monde. **Le Figaro**, Paris, 31/08/2009. Disponível em: <https://www.retronews.fr/journal/le-figaro-1854/12-juillet-1903/104/798175/3>. Acesso em: 06/09/2018.

HARTMAN, Paul. Selected Student-initiated change at Harvard University, 1725-1925. **Dissertation** of Doctor of Philosophy. Faculty of Graduate School of Loyola University of Chicago, 1975, p. 206.

HOLT, Richard. Historians and the History of Sport. **Sport in History**, v. 34, n. 1, 2014, p. 1-33.

HOLT, Richard. Allen Guttman's alter ego: Sébastien Darbon and the definition of "Sport". **Journal of Sport History**, v. 44, n. 1, Spring 2017, p. 58-63.

HURET, Jules (1863-1915). En Amérique. **De New-York à La Nouvelle-Orléans**, Bibliothèque-Charpentier: Paris, 1904, p. 1- 431.

HURET, Jules (1863-1915). En Amérique. **En Amérique - De San Francisco au Canada**, Bibliothèque-Charpentier: Paris, 1905, p. 574.

LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 2013, p. 224.

MARTÍNKOVÁ, Irena; PARRY, Jim. The double instrumentality of sport. **Studies in Physical Culture and Tourism**, Poznan, Polônia, v. 18, n. 1, 2012, p. 25-32.

MATHEWS, Joseph. The first Harvard-Oxford Boat Race. **The New England Quarterly**, v. 33, n. 1, 1960, p. 74-82.

MAZO, Janice Zarpellon e Colaboradores. **Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: Lugares e memórias**. Novo Hamburgo/RS: FEEVALE, 2012. Versão digital.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p. 400-423.

MENDES, Maria Isabel; GLEYSE, Jacques. O cuidado de si em Michel Foucault: reflexões para a Educação Física. **Movimento**, v. 12, n. esp., 2014, p. 507-520.

**MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA: 30 anos**. Porto Alegre, 2005.

NA AMÉRICA DO NORTE, A Federação, Porto Alegre, 19/08/1903, p.1.

PEZAT, Paulo. O positivismo na abordagem da recente historiografia gaúcha. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p. 256-285.

**RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO**. Álbum comemorativo. Porto Alegre. Oficinas gráficas da Livraria do Globo, 1919.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. História da Ciência: da antiguidade ao Renascimento Científico. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2010.

SILVA, C. F. Os esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul/RS: esportivização e contatos culturais nos clubes. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano: Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015, p. 236.

SILVA, Carolina; PEREIRA, Ester; MAZO, Janice. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. **Movimento**, v. 20, n. 1, 2012, p. 59 – 79.

THOMAS, R.; HAUMONT, A.; LEVET, J. **Sociologia del deporte**. Barcelona: Bellaterra, 1988, p. 212.

TRAVESSIA DA MANCHA, A Federação, Porto Alegre, 12/09/1885, p. 2.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.25, n. 1, 2003, p. 9-20.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado – Ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 120-140.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012<sup>a</sup>, p. 141-161.

VIGARELLO, Georges. Estádios. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo: as mutações do olhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b, p. 201-221.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**RECEBIDO EM: 08/10/2020 PARECER DADO EM: 19/01/2021**